

LINN DA QUEBRADA: EMBATES (DE)COLONIAIS SOBRE A MULHER DO ANO 2022¹

LINN DA QUEBRADA: (DE)COLONIAL CLASHS ABOUT THE WOMAN OF THE YEAR 2022

Maria da Penha Casado Alves² (UFRN)
William Brenno dos Santos Oliveira³ (UFRN)
Renata Karolyne Gomes Coutinho⁴ (UFRN)
Matheus Silva de Souza⁵ (UFRN)
Júlia Dayane Ribeiro da Costa⁶ (UFRN)

Resumo: Em 2022, a multiartista Linn da Quebrada, que se identifica como travesti, ganhou o Prêmio Geração Glamour na categoria Mulher do Ano. O resultado foi publicado nas redes sociais da Revista Glamour Brasil, e a seção de comentários da publicação se tornou um espaço de embates ideológicos. Levando-se em consideração esse contexto, o presente estudo tem como objetivo a análise das marcas coloniais e decoloniais que emergem dos discursos existentes em enunciados que respondem ao resultado do Prêmio Geração Glamour 2022, os quais colocam, no centro do debate, diferentes formas de assimilar e problematizar o signo ideológico “Mulher”. Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa e traz como base teórico-metodológica o Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2010a, 2010b, 2011, 2015, 2016; VOLÓCHINOV, 2018, 2019a, 2019b), Mignolo (2017), Santos (2007), Walsh (2012) e Maldonado-Torres (2018). Verificou-se que os enunciados que refratam o pensamento da colonialidade buscam reafirmar o binarismo de gênero, o controle sobre os corpos e a sexualidade e a invisibilidade dos sujeitos que rompem com as normas. Os enunciados dos quais emerge o discurso da decolonialidade, por sua vez, denunciam a transfobia e dão a Linn da Quebrada uma posição de visibilidade e legitimidade.

Palavras-chave: Linn da Quebrada; Mulher do Ano; signo ideológico; decolonialidade.

Abstract: In 2022, the mult-artist Linn da Quebrada, who identified herself as a *travesti*, won the Geração Glamour Award in the category Woman of the Year. The results were published in Glamour Brasil Magazine's social media, and the comments section from the publication has become a space of ideological clash. Considering that context, this study aims to analyse the colonial and decolonial marks that emerge from the discourses in the utterances that answer to the results of the aforementioned award, which place different ways of assimilation and problematization of the “Woman” ideological sign to the center of the debate. This is qualitative

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

² Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). Docente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (UFRN). E-mail: penhalves@msn.br.

³ Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (UFRN). Professor do Instituto Metrópole Digital (UFRN). E-mail: william.oliveira@imd.ufrn.br.

⁴ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (UFRN). E-mail: renata.kgc@gmail.com.

⁵ Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (UFRN). E-mail: matheusrn@hotmail.com.

⁶ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (UFRN). E-mail: julia.costa.067@ufrn.edu.br.

research that brings, as its theoretical-methodological basis, the Bakhtin Circle (BAKHTIN, 2010a, 2010b, 2011, 2015, 2016; VOLÓCHINOV, 2018, 2019a, 2019b), Mignolo (2017), Santos (2007), Walsh (2012) and Maldonado-Torres (2018). It was verified that the utterances that refract the coloniality thinking try to reaffirm gender binarism, the control over the bodies and the invisibility of the people who break the norms. The utterances from which the decoloniality discourse emerges, on the other hand, denounce the transphobia and put Linn da Quebrada in a position of visibility and legitimacy.

Keywords: Linn da Quebrada; Woman of the Year; ideological sign; decoloniality.

Introdução

Em um mundo cada vez mais informatizado, cujas relações se constroem, também, por meio das redes sociais, o espaço virtual se tornou um palco que serve para os usuários das redes exporem as suas opiniões e os seus posicionamentos em relação aos mais diferentes assuntos. Sendo assim, em 2022, foi divulgado, na página do Instagram da Revista Glamour Brasil⁷, o resultado do Prêmio Geração Glamour 2022 na categoria “Mulher do Ano”, tendo como vencedora a cantora e multi-artista brasileira Linn da Quebrada, a qual se identifica como travesti⁸. Em função disso, a postagem do anúncio recebeu uma grande quantidade de comentários que se dividiram entre parabenizar a vencedora e contestar o resultado.

Nesse sentido, este estudo tem como objetivo analisar as marcas da colonialidade e da decolonialidade que emergem dos discursos presentes em comentários que respondem ao resultado do Prêmio Geração Glamour 2022, os quais colocam, no centro do debate, o signo ideológico⁹ “mulher”. Como base teórica para a discussão sobre a linguagem, são utilizados autores do Círculo de Bakhtin¹⁰: Volóchinov (2018, 2019a, 2019b) e Bakhtin (2010a, 2010b, 2011, 2015, 2016). Outrossim, os trabalhos de Boaventura de Sousa Santos (2007), Walsh (2012), Mignolo (2017) e Maldonado-Torres (2018) dão o suporte para empreender uma análise sobre a influência da colonialidade sobre os corpos e os gêneros e sobre a presença do pensamento da decolonialidade, essa força social que rompe com o “pacto” colonial.

Para tanto, esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, pois, conforme Bogdan e Biklen (1994, p. 48), “os investigadores qualitativos assumem que o comportamento humano é significativamente influenciado pelo contexto em que ocorre”. Logo, considera-se que os discursos presentes nas postagens dos sujeitos como resposta ao resultado do Prêmio Geração Glamour 2022, na categoria Mulher do Ano, são firmados como consequência das visões sociais sobre o que significa ser mulher. Ainda de acordo com esses autores, na investigação qualitativa, os pesquisadores “tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos” (1994, p. 48), por esse motivo, serão utilizados *prints* dos comentários para realizar a análise, a fim de que os enunciados dos

⁷ Link de acesso à postagem do perfil da Revista Glamour Brasil no Instagram anunciando a vencedora da categoria “Mulher do Ano” de 2022: <https://www.instagram.com/reel/CKIBd9ctL7Z/?igshid=MDJmNzVkMjY%3D>.

⁸ Segundo o Manual de Comunicação LGBTI+, travesti significa “uma construção de gênero feminino, oposta ao sexo biológico, seguido de uma construção física de caráter permanente, que se identifica na vida social, familiar, cultural e interpessoal, através dessa identidade” (REIS, 2018, p. 18).

⁹ Compreende-se o signo ideológico como a materialização do posicionamento dos sujeitos em relação aos valores sociais, que, sendo “um produto da história humana, não só reflete, mas também inevitavelmente refrata todos os fenômenos da vida social” (VOLÓCHINOV, 2019b, p. 314).

¹⁰ Utiliza-se a expressão Círculo de Bakhtin para designar o grupo de pensadores russos que desenvolveram estudos acerca da linguagem sob um enfoque dialógico. Entre os principais nomes do Círculo estão Mikhail Bakhtin (1895-1975), Valentin Volóchinov (1895-1936) e Pável Medviédév (1892-1938).

sujeitos permaneçam exatamente como foram publicados na postagem do perfil da Revista Glamour Brasil.

Este artigo, pois, se estrutura da seguinte maneira: primeiro, apresenta-se a seção das bases teóricas que alicerçam as discussões aqui realizadas, dividida em subseções que tratarão sobre o “Enunciado concreto como unidade de análise” e sobre a “Colonialidade x decolonialidade”. Em seguida, na seção “Embates coloniais e decoloniais sobre o signo ideológico ‘mulher’”, a análise será apresentada em duas subseções: inicialmente, serão analisados os comentários ideologicamente coloniais que refletem e refratam o controle binário sobre os corpos e os gêneros e, depois, os que rompem com a lógica colonial, considerando a diversidade sexual e de gênero.

1 As bases teórico-metodológicas que nos sustentam

Para alcançar o objetivo proposto neste trabalho, é necessário trabalhar com duas teorias que darão o suporte adequado para: 1) escolher as lentes com as quais as manifestações linguístico-discursivas serão observadas e 2) realizar a análise dessas marcas tendo como base um olhar decolonial. Assim, a abordagem dialógica da linguagem, proposta pelo Círculo de Bakhtin, no qual se incluem os pensadores russos Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov, será a responsável por sedimentar o conceito de enunciado concreto como unidade de análise da linguagem em uso. Além disso, a teoria decolonial será utilizada para compreender de onde vêm e como surgem os discursos refratados nos enunciados concretos analisados. A seguir, é apresentada uma breve discussão acerca do enunciado concreto como unidade de análise.

1.1 O enunciado concreto como unidade de análise

O Círculo de Bakhtin trabalha com o conceito de enunciado concreto para analisar a linguagem, o qual é considerado a “*real unidade* de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016, p. 28, grifo do autor). Os enunciados concretos nascem da interação e são produzidos por sujeitos sócio-históricos que atuam discursivamente diante de um dado tema. Logo, ao orientar a sua fala perante os outros da comunicação verbal, o enunciador comporta em seu dizer marcas linguístico-discursivas que definem a sua atitude responsiva-ativa, a qual revela o dialogismo que sustenta as relações humanas. Acerca disso, Mikhail Bakhtin (2015, p. 49) salienta que

o enunciado vivo, que surgiu de modo consciente num determinado momento histórico em um meio social determinado, não pode deixar de tocar milhares de linhas dialógicas vivas envoltas pela consciência socioideológica no entorno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. É disto que ele surge, desse diálogo, como uma continuidade, como uma réplica e não como se ele se relacionasse à parte.

Diante disso, em concordância com as reflexões de Valentin Volóchinov (2019a, p. 267) acerca da produção enunciativa, “nunca poderemos compreender a construção do enunciado (por mais autônomo e finalizado que ele nos pareça) sem considerar que ele é só um momento, uma gota no fluxo da comunicação discursiva, tão ininterrupto quanto a vida social e a própria história”. Com essa visão elementar, também não devemos deixar de identificar as unidades da língua em uso como índices de valor que nos evidenciam a flexibilidade do homem ao construir enunciados em conformidade com a diversidade de *situações extraverbais* que podem ser vivenciadas por ele.

Nesse ínterim, Volóchinov (2019a) salienta, ainda, que toda situação de comunicação social pressupõe a existência de participantes, os quais podem ser definidos como o *falante*, produtor de um enunciado, e o *auditório*, instituído pelo *outro* da interação, presente ou presumido, que ouve, recepciona, interpreta e avalia o conteúdo oriundo do discurso a ele direcionado. Esse enunciado,

para além da forma estrutural e gramatical relativamente estável do gênero discursivo (BAKHTIN, 2016), possui uma *orientação social*, uma *entonação* e um *estilo*. A *orientação social* se refere ao fato de que todo e qualquer discurso está orientado para alguém, cuja *compreensão e resposta* depende “da posição social do falante e do ouvinte e de todas as condições sociais do enunciado” (VOLÓCHINOV, 2019a, p. 280). No que concerne à *entonação*, que se relaciona à maneira de falar do enunciador, ou seja, a “uma expressão da *avaliação* da situação e do auditório” (VOLÓCHINOV, 2019a, p. 290) e ao *estilo*, que se associa à escolha e à disposição das palavras em um enunciado, podemos dizer que tais aspectos dão nuances semânticas específicas ao acabamento dos sujeitos em seus respectivos discursos.

Por isso, realizar uma análise dialógica do discurso implica considerar como unidade analítica o enunciado, com todas as suas especificidades contextuais e tonalidades dialógicas. Tendo em vista que essa perspectiva investigativa requer do pesquisador um olhar diferenciado sobre os seus dados, é necessário depreender que o discurso, ao ser produzido, possui, em sua inteireza, um autor que, conseqüentemente, revela a sua posição verbo-ideológica frente aos acontecimentos do mundo da vida.

Posicionar-se, então, segundo as contribuições teórico-filosóficas do Círculo de Bakhtin, significa dizer que o autor de determinado enunciado demonstra em seu discurso uma ideologia¹¹ e uma posição axiológica que direcionam a sua existência em meio à coletividade que o circunda. É possível afirmar, inclusive, que, ao se comunicar, o sujeito falante se utiliza de um arsenal de recursos, próprios da língua em uso, como os signos, os quais, sob a ótica de Volóchinov (2018), são ideológicos por natureza.

Condicionando a vivência dos enunciadores e constituindo a vida da linguagem, é salutar conceber o signo como um produto valorativo, estabelecido na comunicação cotidiana e dialogicamente constituído. Volóchinov (2018, p. 94), ainda, ratifica que o “signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também uma parte material dessa mesma realidade”. Dessarte, as palavras utilizadas na vida dos sujeitos e que constituem os mais variados enunciados concretos se transformam em signos ideologicamente preenchidos por valores socialmente formados, com os quais é exequível inferir a realidade que, por sua vez, é refletida e refratada¹² em sua totalidade.

Além disso, no signo ideológico, segundo Volóchinov (2018, p. 112-113), ocorre

o cruzamento de interesses sociais multidirecionados nos limites de uma coletividade *signica*, isto é, a luta de classes. A classe não coincide com a coletividade *signica*, ou seja, com a coletividade que utiliza os mesmos signos da comunicação ideológica. Por exemplo, várias classes podem utilizar a mesma língua. Em decorrência disso, em todo signo ideológico cruzam-se ênfases multidirecionadas. O signo transforma-se no palco da luta de classes. [...] A memória histórica da humanidade está repleta desses signos ideológicos mortos, incapazes de serem palco de embate dos acentos sociais vivos, no entanto, uma

¹¹ Ideologia, conforme aponta Valdemir Miotello (2020), é a maneira com a qual a coletividade constrói as representações de mundo, desenvolvidas sob a lógica de trocas simbólicas e linhas de pensamento que orientam o modo de ser e agir dos seres humanos em diálogo entre si. Em outras palavras, a ideologia se configura como uma força valorativa que comporta uma forma de compreender a realidade sócio-histórica, “resultado de interações sociais ininterruptas, em que a todo momento se destrói e se reconstrói os significados do mundo e dos sujeitos” (MIOTELLO, 2020, p. 176).

¹² Para Volóchinov (2018), o signo ideológico não só reflete (espelha) a realidade do mundo, com certo grau de fidedignidade, como também a refrata (distorce), dotando-se de acabamentos que ultrapassam os sentidos previamente estabelecidos a ele. Faraco (2013, p. 174), inclusive, agrega a essa discussão ao defender que a refração, especificamente, é “o modo como se inscrevem nos signos a diversidade e as contradições das experiências históricas dos grupos sociais.”

vez que o filólogo e o historiador se lembram deles, eles ainda preservam os últimos sinais vitais.

Esse cruzamento de interesses sociais é a particularidade que dá ao signo a capacidade de comportar uma diversidade de embates dialógicos e ideológicos entre os partícipes de uma língua em movimento, uma vez que os falantes defendem os seus pontos de vista e assumem suas ideologias no processo de construção e de direcionamento do enunciado concreto. Como adendo a isso, ainda é salutar lembrar que “não existe enunciado sem avaliação. Todo enunciado é antes de tudo uma *orientação avaliativa*. Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa, mas também avalia” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 236, grifo do autor). Nessa avaliação, pois, não há como não perceber as implicações verbais de um discurso, bem como a sua entonação e o seu direcionamento, que revelam a *intenção discursiva* (BAKHTIN, 2016) de um falante ao elaborar o seu dizer.

Em consonância ao pensamento de Bakhtin (2011, p. 118), “no acontecimento singular e único da existência, é impossível ser neutro”; conseqüentemente, “viver significa ocupar uma posição axiológica em cada momento da vida, significa firmar-se axiologicamente” (BAKHTIN, 2011, p. 174). Com isso, por meio dos enunciados concretos, é possível ter acesso aos discursos ideologicamente preenchidos dos sujeitos e perceber a posição axiológica que eles têm acerca do mundo, visto que “onde há vida social e linguagem, há responsividade e diálogo” (SOEIRO, 2022, p. 158).

Esse diálogo responsivo existente entre os diferentes sujeitos reflete e refrata, pois, a realidade social, que é marcada pelo que Quijano (2007 apud MIGNOLO, 2017) conceitua como Matriz Colonial de Poder, a qual baliza e ordena a estruturação do pensamento dos indivíduos. Posto isso, torna-se fulcral discutir como os pensamentos da colonialidade e da decolonialidade conduzem a formação da consciência individual¹³ das pessoas, levando em consideração as divisões socioideológicas que impõem padrões sógnicos com os quais se delimitam a maneira de pensar, de ser e de agir dos sujeitos.

Além desse encadeamento teórico-metodológico, na próxima subseção, serão discutidos os conceitos de colonialidade e decolonialidade e a maneira como a sociedade é afetada pelas conseqüências do pensamento da colonialidade.

1.2 Colonialidade x decolonialidade

Em seu artigo intitulado “Para Além do Pensamento Abissal: das Linhas Globais a uma Ecologia de Saberes”, Boaventura de Sousa Santos (2007, p. 3) afirma que

o pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal. Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo “deste lado da linha” e o universo “do outro lado da linha”. A divisão é tal que “o outro lado da linha” desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente.

¹³ Para Faraco (2007, p. 46-47), com base no círculo bakhtiniano, “a consciência é um universo em movimento contínuo na medida em que funciona sob a batuta da dialogia. [...] As vozes sociais que a povoam estão postas ali em contínuas relações dialógicas, seja porque essas relações já estão dadas no social (e nós as reproduzimos), seja porque nos posicionamos continuamente frente às vozes sociais e suas relações, seja porque novas relações se estabelecem singularmente (e de forma imprevisível) em cada consciência”.

“Este lado da linha” é, então, o lado visto como a norma, o padrão a ser seguido, a forma correta de agir e viver. Ao invisibilizar o outro lado da linha, ao ponto de torná-lo “inexistente”, o poder “deste lado da linha” apaga a diversidade existente nos diferentes grupos sociais, desconsiderando raça, etnia, sexualidade, gênero e classe social, uma vez que o padrão é imposto à sociedade, de uma maneira, muitas vezes, tão sutil e “invisível”, como sugere Santos (2007), que os sujeitos pertencentes a esses grupos sociais não conseguem perceber essa força atuando sobre as suas vidas e ditando as regras a serem adotadas. Tal “sutileza” da maneira como o pensamento abissal age sobre os sujeitos implica uma percepção de que essa seria a maneira certa de existir, visto que, com o passar das épocas e das gerações, é o modo que domina as relações sociais, políticas, pessoais e profissionais.

Ainda de acordo com Santos (2007, p. 4), “a característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha”. O sujeito que se localiza do “outro lado da linha”, ou seja, o Outro, ocupa esse não-lugar ou um lugar de quem não é bem-vindo “deste lado da linha”, como se fosse um inimigo que oferece um perigo à destruição do padrão. Esse Outro, quando visto, simbolicamente, como inimigo, segundo Woodward (2014, p. 7), “terá efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais”. A existência do Outro, portanto, é completamente desconsiderada, sem direito à voz e à escuta, o que acarreta consequências negativas a toda uma coletividade.

“Essa distinção invisível é a distinção entre as sociedades metropolitanas e os territórios coloniais” (SANTOS, 2007, p. 4). Conforme Quijano (2007), a colonialidade é marcada pela Matriz Colonial de Poder (doravante MCP), a qual se divide em “quatro domínios inter-relacionados: controle da economia, da autoridade, do gênero e da sexualidade, e do conhecimento e da subjetividade” (QUIJANO, 2007 *apud* MIGNOLO, 2017, p. 5). Segundo o autor, essas “quatro cabeças” do controle da MCP têm como base o fundamento racial e patriarcal, os quais marcaram as diferenças na cor da pele e nos atributos biológicos que definem a sexualidade e a identidade¹⁴ de gênero, respectivamente, dos seres humanos.

Nesse enquadramento, de acordo com Machado (2020, p. 34),

esta matriz colonial do poder assume, assim, o controle dos corpos, sexos e gêneros haja vista que a “modernidade produz feridas coloniais, patriarcais (normas e hierarquias que regulam o gênero e a sexualidade) e racistas (normas e hierarquias que regulam a etnicidade), promovem o entretenimento banal e entorpece o pensamento”¹⁵.

Dessa maneira, a MCP é responsável pelo aumento de desigualdades nos últimos séculos, causando a invisibilidade e a deslegitimação dos sujeitos que não obedecem ao padrão imposto e que ousam ser e viver de outra maneira. Tal enfrentamento do padrão colonial de poder configura-se como uma postura decolonial, uma vez que

o pensamento descolonial e as opções descoloniais (isto é, pensar descolonialmente) são nada menos que um inexorável esforço analítico para entender, com o intuito de superar, a lógica da colonialidade por trás da retórica da modernidade, a estrutura de administração e controle surgida a partir da transformação da economia do Atlântico [...] (MIGNOLO, 2017, p. 6).

¹⁴ Identidade é, com base em Hall (*apud* WOODWARD, 2014, p. 29), “uma questão de tornar-se”. Logo, os sujeitos identificam a si próprios, mesmo que para isso seja necessário ressignificar identidades historicamente impostas e conhecidas.

¹⁵ Dentro do texto de Machado (2020) citado neste trabalho, está inserida uma citação direta de Mignolo (2014, p. 7). Por esse motivo, foram utilizadas as aspas, uma vez que se trata de um discurso alheio.

Logo, para Walsh (2012), a decolonialidade dos pensamentos e ações e, conseqüentemente, das estruturas sociais só existirá se for empreendido um esforço que englobe os sujeitos, os modos, as lógicas e os saberes em um projeto múltiplo que considere a diversidade social, étnica, racial, sexual e de gênero. Essa decolonialidade agirá, portanto, com o objetivo de apagar as linhas abissais que separam os grupos sociais em os “deste lado da linha” e os “do outro lado da linha”.

É importante ressaltar, por fim, que a colonialidade é entendida como uma lógica global de desumanização que existe mesmo na ausência de colônias formais. Além disso, outra maneira de se referir à colonialidade é pelo uso de “modernidade ocidental”, uma vez que “colonialidade é uma lógica que está embutida na modernidade, e decolonialidade é uma luta que busca alcançar não uma diferente modernidade, mas alguma coisa maior do que a modernidade” (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 41).

Tendo como base tais concepções teóricas e metodológicas, na seção seguinte, enunciados concretos, postados na publicação da Revista Glamour Brasil em relação ao prêmio de Mulher do Ano 2022, serão analisados, levando em consideração o pensamento da colonialidade e da decolonialidade.

2 Embates coloniais e decoloniais sobre o signo ideológico “mulher”

A atitude responsiva¹⁶ que é assumida entre os participantes de uma comunicação implica um posicionamento axiológico. Para o Círculo de Bakhtin, a resposta sempre ocorre, ainda que ela seja realizada por meio do silêncio. Na postagem do perfil, na rede social Instagram, da Revista Glamour Brasil, que anuncia a vencedora do Prêmio Geração Glamour 2022, para a categoria Mulher do Ano, não seria diferente. A grande quantidade de comentários (respostas à postagem que anunciou a vencedora do prêmio) chama a atenção e evidencia que esse é um enunciado com potencial para análise, uma vez que gerou diversos outros enunciados, formando elos (marcados na materialidade linguística, desta vez) na cadeia ininterrupta da comunicação verbal (BAKHTIN, 2016; VOLÓCHINOV, 2018).

Assim, o signo ideológico “Mulher”, utilizado no título da premiação, desencadeou um embate discursivo na seção de comentários da postagem, uma vez que o “ser mulher” gerou diversos enunciados que, por um lado, questionavam a presença de Linn da Quebrada nesse lugar, apresentando uma visão binária de gênero, imposta pelo padrão colonial de poder, e, por outro, comemoravam a sua conquista, representando uma quebra de paradigmas historicamente impostos à sociedade.

Por conseguinte, nas subseções a seguir, serão analisados nove enunciados retirados da referida postagem no Instagram da Revista Glamour Brasil, os quais trazem as opiniões de usuários da aludida rede social acerca do resultado do prêmio mencionado nas seções anteriores deste artigo. A postagem e alguns poucos comentários são de acesso público, ou seja, qualquer pessoa pode acessá-los desde que esteja com o link. No entanto, para ler todos os comentários, inclusive os analisados neste trabalho, é necessário que os leitores estejam cadastrados na rede social mencionada.

Em uma análise que tem como base a abordagem dialógica da linguagem, é importante ressaltar que os excertos selecionados para este trabalho não são considerados meramente orações, pois são *enunciados concretos*, os quais ressaltam marcas verbo-ideológicas dos sujeitos que os construíram, refletindo e refratando suas posições axiológicas frente aos fatos da vida. Destarte, foram selecionados nove enunciados que, além de terem sido produzidos em resposta à postagem em menos de um mês de sua publicação, também entraram no debate, ou para invalidar ou para

¹⁶ Essa é, também, uma das concepções da teoria bakhtiniana cujo cerne gira em torno do ato ético. Para Bakhtin (2010a), ética implica resposta e, portanto, agir responsivamente. Em outras palavras, por meio de suas ações, os sujeitos dão respostas às demandas ideológicas apresentadas pelo mundo da vida.

defender Linn da Quebrada como uma vencedora legítima do prêmio de Mulher do Ano 2022. Dos enunciados cotejados pelo olhar de estudiosos da linguagem, cinco trazem discursos que refratam o pensamento da colonialidade, representando a força que tenta manter o padrão estruturante e que desconsidera o gênero com o qual a artista se identifica; e os outros quatro, o pensamento decolonial, o qual foge do controle imposto pela MCP e rompe com a barreira imposta pela linha abissal, legitimando e reafirmando a identidade de Linn da Quebrada.

Para efeito de didatização e organização metodológica, serão chamados, sequencialmente, de usuários 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 os seres de linguagem que produziram os enunciados em análise. Ainda com o intuito de não identificar os sujeitos comentadores da postagem, tornaram-se não visíveis as fotos de perfis, assim como seus respectivos nomes de usuário na rede social supracitada. Inicialmente, serão analisados os enunciados que refratam o pensamento da colonialidade.

2.1 O pensamento da colonialidade

Para evidenciar os índices que denotam um pensamento colonial partindo dos usuários da página do Instagram da Revista Glamour Brasil, elegemos, na Figura 1, três exemplos de enunciados cujo conteúdo se repete várias vezes na seção de comentários da referida postagem. Tais comentários abrangem aquilo que é considerado como a primeira categoria de análise deste estudo: as interrogações que colocam em xeque a identidade de Linn da Quebrada.

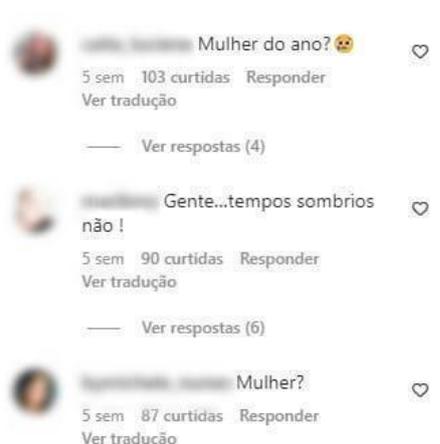


Figura 1 – Comentários dos usuários 1, 2 e 3, respectivamente

Fonte: Acervo dos autores

É importante pontuar, a princípio, que não temos acesso direto à realidade, já que ela é representada linguisticamente, isto é, a realidade é sempre mediada pela linguagem. Neste sentido, “a compreensão do mundo, pelo sujeito, acontece no confronto entre as palavras da consciência e as palavras circundantes na realidade, entre o interno e o externamente ideológico” (STELLA, 2020, p. 179). Volóchinov (2019b), então, afirma que fazemos uma avaliação não das próprias palavras, mas da realidade que é refletida e refratada nas palavras-signos. Assim, uma mesma palavra, ao ser utilizada por pessoas diferentes, refletirá diferentes pontos de vista de uma mesma realidade.

Dessa forma, ao utilizar as interrogações após a palavra “mulher”, os usuários 1 e 3 questionam a presença de Linn da Quebrada na categoria “Mulher”, o que indica a existência de uma tensão em relação ao sentido dado ao signo ideológico “Mulher” pelo Prêmio Geração Glamour e ao sentido dado ao mesmo signo pelos usuários da página, cujos comentários estão expostos na Figura 1. De acordo com Quijano (*apud* MIGNOLO, 2017), o controle do gênero e da sexualidade é um dos elementos do padrão colonial de poder. Pode-se perceber esse controle

emergindo dos enunciados apresentados, uma vez que as indagações não representam dúvidas reais. Elas estão ali com o intuito de reforçar o pensamento estruturante e colonial que impõe normas sobre os corpos, dividindo os seres humanos de maneira binária: homem e mulher. Os sinais de pontuação, portanto, representam perguntas que têm como objetivo negar o gênero com o qual Linn da Quebrada se identifica; porquanto, tendo nascido biologicamente como uma pessoa do sexo masculino, ela deveria se identificar como homem.

Ainda sobre as interrogações, que, no plano explícito, questionam a Revista Glamour Brasil considerar Linn da Quebrada uma mulher, reconhece-se que a força colonial imperativa, cuja forma e cujo conteúdo tentam enjaular a vivência das travestis numa categoria sexista, biologizante e binária, limitando-as ao lugar, socialmente marcado, de “homem” e desqualificando a sua legítima sensação de pertencimento a uma identidade de gênero, reside, justamente, na ironia do questionamento. Não se pode deixar de destacar que a ironia, neste caso, mostra-se como uma força, axiologicamente falando, muito corrosiva, no âmbito da língua(gem). Ela, de maneira muito refinada, se presta ao papel de desestabilizar as “certezas” que envolvem a categorização sócio-histórica de Linn como mulher. Em outras palavras, a tentativa é de impor o padrão colonial e binário que reforça a transfobia, a homofobia e o machismo. Não se trata, contudo, aqui, de limitar a ironia apenas a esse lugar, uma vez que existem várias possibilidades de manifestação e de papéis para os quais ela se presta com bastante eficiência. Ocorre que, acompanhada das defesas teóricas aqui realizadas, optou-se por usá-la como força corrosiva e demonstradora de um valor ideológico e sócio-historicamente marcado.

No que tange, ainda, ao enunciado em análise, é interessante observar que o pensamento do Círculo de Bakhtin, principalmente quando o filósofo russo se debruça sobre a obra de Dostoiévski, trata e identifica alguns tipos de discurso em toda a prosaística *dostoiévskiana*. Dentre eles, consegue-se identificar um tipo ativo de discurso ou aquilo que Bakhtin vai chamar de polêmica interna velada. Isso posto, no enunciado analisado, ocorre um fenômeno dialógico parecido, pois, segundo Bakhtin (2010b, p. 224):

Na polêmica velada, o discurso do autor está orientado para o seu objeto, como qualquer outro discurso; neste caso, porém, qualquer afirmação sobre o objeto é construída de maneira que, além de resguardar seu próprio sentido objetivo, ela possa atacar polemicamente o discurso do outro sobre o mesmo assunto e a afirmação do outro sobre o mesmo objeto. Orientado para o seu objeto, o discurso se choca no próprio objeto com o discurso do outro. Este último não se reproduz, é apenas subentendido; a estrutura do discurso seria inteiramente distinta se não houvesse essa reação ao discurso subentendido do outro.

Assim, como se pode perceber, a polêmica velada vai se construindo no entrecruzamento de discursos. A partir do momento em que o discurso do autor entra em confronto com a palavra do outro que se impõe à sua palavra, forçando este a promover modificações, recortes, fazer interferências na estrutura e na trajetória de seu discurso, instaura-se a polêmica. E é assim que acontece nesse enunciado em análise. O discurso “oficial” ou primeiro (o do autor, nesse caso) é tenso, se assim se pode dizer; é ambivalente e traz consigo alguns acentos, uma vez que mantém a sua marca discursiva e, ao mesmo tempo, deixa mostrar as marcas de seus outros, de seus interlocutores ou daqueles que o constituem. Sendo assim, e no caso da cena enunciativa do enunciado em questão, os discursos dos seguidores do perfil da revista são orientados por e para a postagem sobre o prêmio da Mulher do Ano, não só quanto ao conteúdo, mas também quanto às formas sintáticas, às escolhas lexicais, ao tom, aos acentos e às expressões.

Em outro comentário, o usuário 2 impõe a sua opinião ao utilizar um advérbio de negação, “não”, e um ponto de exclamação após descrever o momento como “tempos sombrios”. Segundo o Miniaurélio (SOMBRIÃO, 2001, p. 645), dicionário da língua portuguesa, o adjetivo “sombrio”

significa “melancólico, triste”. Logo, para o autor desse enunciado, o fato de Linn da Quebrada ganhar o prêmio de Mulher do Ano é um sinal de um período de tristeza e de melancolia. Por trás desse comentário, então, está um sujeito que percebe que está ocorrendo, na sociedade, uma mudança no pensamento dominante que dita as normas sobre os corpos, e isso é motivo para descrever o momento como “sombrio”. Utilizando-se de uma entonação marcadamente negativa, a escolha do sujeito pelo termo “sombrio” deu vida à palavra e realizou um diálogo com os valores de uma sociedade conservadora, posicionando-se em relação a eles (VOLÓCHINOV, 2018) de modo a reforçar preconceitos que limitam as possibilidades sócio-culturais do ser mulher. Seu posicionamento avaliativo traz à tona, pois, o fato de que, segundo Maldonado-Torres (2018, p. 38), põe em xeque questões fundamentais à lógica do colonialismo “perturba a tranquilidade e a segurança do sujeito-cidadão moderno e das instituições modernas”. Com essa razão, torna-se bastante questionável, para esses tipos de enunciadores, a escolha de uma travesti para o prêmio de “Mulher do Ano”.

Na Figura 2, por sua vez, há mais dois enunciados dos quais emergem discursos da colonialidade.



Figura 2 – Comentários dos usuários 4 e 5, respectivamente

Fonte: Acervo dos autores

No primeiro, de forma explícita, há a menção ao substantivo “homem”. Em comentários anteriores, o sexo masculino fica apenas subentendido nos enunciados dos sujeitos. Nesse caso, o usuário 4 afirma que “a mulher do ano é um homem” e adiciona um emoji que representa a emoção do susto. Em seguida, utiliza a interjeição “Opsss travesti”, em que “ops”, derivação de “ups”, segundo o Dicionário Priberam Online (UPS, c2022), é uma “expressão usada para assinalar ou para desculpar um erro ou um acidente”. Tal uso pode ser inferido como uma ironia ao fazer a correção, uma vez que, no período anterior, o autor do enunciado considerou Linn da Quebrada um “homem” e, para finalizar, adicionou um emoji com um rosto chorando de rir. Dessa forma, a correção não ocorre como uma tentativa de reconhecer um erro acerca do que foi dito anteriormente, mas como uma maneira de reforçar a posição axiológica do autor do enunciado em relação à vitória da artista: uma posição que corrobora o controle sobre os corpos e o binarismo de gênero. Esse enunciado, além de não reconhecer a legitimidade do prêmio dado à cantora, faz uso do deboche para negar a “construção de gênero” (REIS, 2018) com o qual Linn da Quebrada se identifica.

Já no segundo comentário da Figura 2, mais uma vez, está presente a risada como forma de contestar não apenas o resultado, mas também a identidade de gênero de Linn da Quebrada. O usuário 5 ainda pergunta “qual mulher?”, outra vez corroborando a tese de Quijano e Mignolo de que o domínio do gênero e da sexualidade é um dos quatro controlados pelo pensamento colonial, o qual impõe a visão binária que divide os seres humanos apenas em homens e mulheres de acordo

com o sexo biológico (MIGNOLO, 2017). Portanto, pode-se inferir, a partir do enunciado do usuário 5, que, para esse sujeito, o signo “mulher” é preenchido ideologicamente com a ideia de que “gênero” e “sexo” são sinônimos. Logo, Linn da Quebrada jamais poderia ser considerada vencedora em uma premiação voltada para as mulheres. Desse modo, o usuário 5 não apenas deslegitima a construção de gênero com a qual a cantora se identifica como também desconsidera, conseqüentemente, a sua existência.

A seguir, serão analisados os enunciados dos quais emerge o pensamento da decolonialidade.

2.2 O pensamento da decolonialidade

Nesta subseção, apresenta-se a análise dos enunciados em que constam os posicionamentos dos usuários que apresentam índices discursivos de um pensamento decolonial. Logo, essa categoria de análise foi nomeada como: o reconhecimento da existência de Linn da Quebrada.

À vista disso, na Figura 3, o usuário 6 cita um trecho da canção “Mulher”, composta por Linn da Quebrada, com o intuito de parabenizar a cantora pela conquista do Prêmio de Mulher do Ano, o que implica no reconhecimento de sua identidade de gênero. Logo após, o sujeito cumprimenta a Revista Glamour Brasil por premiar uma pessoa que se identifica como travesti “em um país que mais mata trans e travestis”.

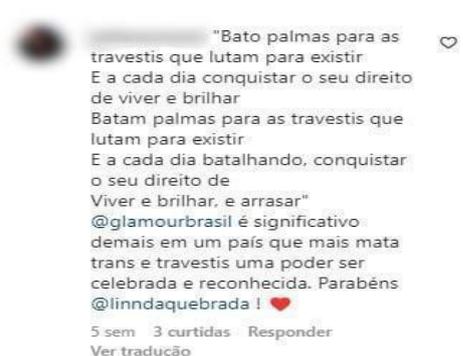


Figura 3 – Comentário do usuário 6

Fonte: Acervo dos autores

Ao fazer alusão ao discurso de Linn da Quebrada, em uma de suas canções, o enunciado acima faz a seguinte adaptação: “bato palmas”. Desse modo, ao sopesar os dois enunciados, defende-se que se caracteriza não só como uma reprodução da canção “Mulher”, de Linn da Quebrada, mas como uma evocação a potenciais outros coenunciadores para que estes, junto de seu discurso, possam constituir uma espécie de “coro decolonial” em favor da vencedora do prêmio “Mulher do Ano”. Esse é um exemplo claro da cadeia infinita que um enunciado pode abrir ou se ligar. A escolha pelo imperativo e a inserção dessa voz na da autora-criadora promovem um elo que mistura os discursos e, assim, os fortalece. Não podemos deixar de lembrar que esse elo se abre para a introdução de outros discursos possíveis para esse enunciado, sejam eles para corroborar ou discordar do discurso ativamente responsivo apresentado pelo enunciador primeiro.

De acordo os dados do Dossiê Assassinatos e Violências contra Travestis e Transsexuais Brasileiras em 2021, produzido pela Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA), o Brasil é “o país que mais reporta assassinatos de pessoas trans no mundo” (BENEVIDES, 2022, p. 72), sendo também um dos países mais perigosos para a comunidade LGBTQIAP+ viver. Além disso, ainda de acordo com o Dossiê, a violência de gênero é a principal causa dos assassinatos de pessoas trans, sendo as mulheres trans ou pessoas transfemininas as mais afetadas. Nesse sentido, do enunciado do usuário 6, emerge um discurso com marcas decoloniais, uma vez que há o

reconhecimento de uma existência que é invisibilizada por ser posta no “outro lado da linha” (SANTOS, 2007); emerge, então, um discurso de quem está ciente da realidade social pela qual passa a comunidade LGBTQIAP+ cotidianamente no Brasil, e de quem considera, exatamente por esse motivo, o prêmio ser necessário para “uma [travesti] poder ser celebrada e reconhecida”.

Nos enunciados da Figura 4 e da Figura 5, os usuários 7 e 8 denunciam a grande quantidade de comentários com tom preconceituoso.

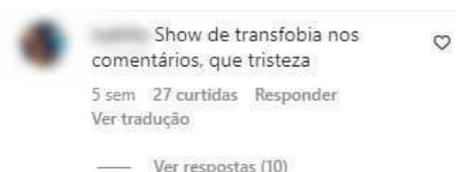


Figura 4 – Comentário do usuário 7

Fonte: Acervo dos autores

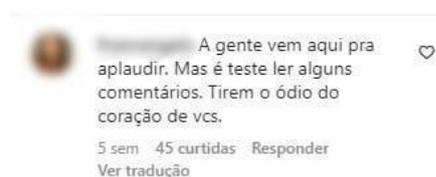


Figura 5 – Comentário do usuário 8

Fonte: Acervo dos autores

Na Figura 5, o usuário 8 pede que tirem “o ódio do coração de vcs”, uma vez que é um “teste ler alguns comentários”. Esse enunciado não deixa explícito o motivo de ser um “teste”, porém é possível depreender pelo contexto, já que o enunciado é compreendido ao se considerar o processo interativo, isto é, os aspectos verbais e não verbais, que constituem um contexto maior, histórico, relacionando-se aos enunciados que o precedem e que o sucedem na cadeia de comunicação (BAKHTIN, 2016). O “teste”, nessa lógica de pensamento, seria o fato de se deparar com comentários que estão na contramão do posicionamento desse usuário. Na Figura 4, por sua vez, o usuário 7 deixa claro o que está acontecendo na seção de comentários daquela publicação, o “teste” ao qual o usuário 8 se refere: o “show de transfobia”; e finaliza comentando, com uma *avaliação social* (VOLÓCHINOV, 2018) que denota “tristeza” em resposta aos enunciados que deturpam a Mulher do Ano 2022.

Ainda conforme o Dossiê supracitado, “travestis, mulheres e homens trans, pessoas transmasculinas e não binárias têm seus direitos básicos violados diariamente, além de tratamentos vexatórios e da ausência de respeito pelo Estado” (BENEVIDES, 2022, p. 75). Assim, o usuário 7, ao explicitar o tipo de preconceito que estava ocorrendo naquele espaço virtual, reconhece o que é constatado nos dados do Dossiê, uma vez que Linn da Quebrada está tendo direitos básicos, como o da sua existência e da sua liberdade, violados. Os enunciados presentes na Figura 4 e na Figura 5 são importantes para denunciar os casos de transfobia¹⁷ que emergem dos discursos preconceituosos que desconsideram a diversidade sexual e de gênero; ademais, são enunciados que rompem com o esperado pelo pensamento abissal dominante, que invisibiliza essas pessoas e desconsidera esses corpos, deixando-os às margens da sociedade (SANTOS, 2007).

Ademais, o enunciado presente na Figura 6 tem o objetivo de parabenizar Linn da Quebrada pela conquista do Prêmio de Mulher do Ano.

¹⁷ Segundo o Manual de Comunicação LGBTI+ (REIS, 2018, p. 50), a transfobia é “compreendida como todas as formas de preconceito, individual e institucional, contra as pessoas travestis e transexuais”.

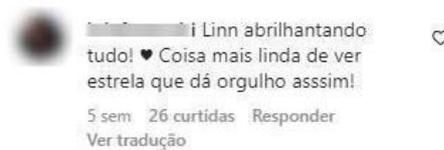


Figura 6 – Comentário do usuário 9

Fonte: Acervo dos autores

Como nos comentários anteriores desta subseção, do enunciado do usuário 9 emerge um discurso de aceitação à diversidade e à própria existência da vencedora. Ao dissertar sobre o pensamento abissal, Santos (2007, p. 4) afirma que “inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível”. No entanto, o usuário 9 faz uso do verbo “abrilhantar” para se referir a Linn da Quebrada. Tal vocábulo significa “tornar-se brilhante”, conforme o Miniaurélio (ABRILHANTAR, 2001, p. 5). Portanto, quando algo ou alguém se torna brilhante, deixa de não ser visto, de ser invisível para os outros, e começa a receber atenção, tendo os olhares voltados para si. Dessa forma, a palavra possui, em seu cerne, as vagarosas mudanças presentes no corpo social, bem como estimula uma transformação das construções sociais estabelecidas, já que “graças a essa refração de opiniões, avaliações e pontos de vista é que o signo tem a capacidade de viver, de movimentar-se e desenvolver-se” (VOLÓCHINOV, 2019b, p. 319).

Por último, o autor de tal enunciado finaliza sua opinião relatando sentir orgulho de Linn da Quebrada. Ainda nas palavras de Boaventura de Sousa Santos, “a característica principal do pensamento abissal é a *impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha*” (2007, p. 4, grifo nosso). Esse enunciador rompe com a principal característica do pensamento abissal, ao materializar que Linn da Quebrada é uma “estrela que dá orgulho”, afirmando que esta é uma personalidade por quem é possível sentir orgulho e admiração. A Mulher do Ano de 2022, então, tem a sua presença aceita e exaltada; logo, nesse enunciado, não existe o “este lado da linha” ou o “outro lado da linha”, uma vez que a linha, que limita a maneira como os sujeitos pensam e agem, foi apagada.

Considerações Finais

Para o Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2016; VOLÓCHINOV, 2018, 2019a), o enunciado tem a capacidade de gerar outros enunciados a partir dele, cada vez mais aumentando a cadeia infinita da comunicação verbal. Com esse condicionamento, os enunciados analisados neste estudo foram respostas desencadeadas a partir da utilização do signo ideológico “Mulher”, o qual causou um embate discursivo entre diversos sujeitos e, conseqüentemente, diferentes posições axiológicas.

A partir de uma ação transgressiva e, por isso, da decolonialidade, da Revista Glamour Brasil, ao premiar uma travesti como Mulher do Ano, foi possível identificar um rompimento do binarismo de gênero, imposto pela Matriz de Poder Colonial (MIGNOLO, 2017), que realiza uma divisão dos seres humanos com base no sexo biológico. Dito isso, o binarismo é uma estrutura de pensamento da colonialidade, pois orienta, de maneira limitada, a maneira com a qual as pessoas constroem as suas identidades de gênero.

Nesse contexto, os discursos firmados em resposta ao enunciado da revista evidenciam um constante embate dialógico e ideológico, cujas especificidades sugerem um choque entre formas de pensar e de organizar o mundo e as suas relações, principalmente no que se refere aos olhares sobre o signo “Mulher”. Foi possível encontrar, nos enunciados analisados, marcas do discurso da colonialidade, que busca controlar os quatro domínios da MCP, com foco no controle do gênero e da sexualidade, desconsiderando qualquer fuga às regras impostas historicamente sobre os corpos e os gêneros com os quais os sujeitos podem se identificar.

No entanto, o pensamento da decolonialidade também esteve presente em alguns enunciados, trazendo para o debate a discussão sobre a necessidade de dar visibilidade e

legitimidade aos sujeitos que se identificam de uma maneira que rompe com divisões seculares e apaga linhas abissais invisíveis (SANTOS, 2006) as quais segregam os seres humanos. Dessa forma, esses enunciados se revelam responsivos e individuais, em que a palavra possui, em seu cerne, as vagarosas mudanças presentes no corpo social, bem como estimula uma transformação das construções sociais estabelecidas, já que, como afirma Volóchinov (2019b), é em razão da refração de vários pontos de vista que o signo consegue continuar vivo, em movimento e em constante transformação. A prática da decolonialidade, então, se impõe em diferentes espaços, sejam eles reais ou virtuais, e cada vez mais alcança os diferentes domínios da MCP, transpassando-os, a fim de desfazer os obstáculos construídos sobre a diversidade social.

Portanto, faz-se importante a compreensão de que a colonização e suas diversas dimensões permanecem no horizonte de luta, sendo uma lembrança “de que a lógica e os legados do colonialismo podem continuar existindo mesmo depois do fim da colonização formal e da conquista da independência econômica e política” (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 32). Assim, este trabalho, ao trazer à tona os movimentos da colonialidade, incita um giro epistemológico no tema aqui abordado e o princípio de uma práxis decolonial que expõe questões a respeito do mundo moderno/colonial.

Referências Bibliográficas

ABRILHANTAR. *In*: FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio Século XXI Escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 5.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Pedro & João Editores, 2010a.

BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 5. ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

BAKHTIN, M. O autor e a personagem. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. p. 3-20.

BAKHTIN, M. O discurso no romance. *In*: BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: A estilística**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015. p. 19-241.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 11-69.

BENEVIDES, B. G. (Org.). **Dossiê Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2021**. Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2022. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2023.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

FARACO, C. A. O estatuto da análise e interpretação dos textos no quadro do Círculo de Bakhtin. *In*: GUIMARÃES, A. M. M.; MACHADO, A. R.; COUTINHO, A. (Eds.). **O interacionismo sociodiscursivo**: questões epistemológicas e metodológicas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p. 43-50.

FARACO, C. A. Ideologia no/do Círculo de Bakhtin. *In*: PAULA, L.; STAFUZZA, G. (Orgs.). **Círculo de Bakhtin: pensamento interacional**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. p. 167-182.

MACHADO, F. Gênero, corpo e colonialidade: deslocamentos epistemológicos e feminismos a margem do Sul global. **Fronteiras: Revista de História**, v. 22, n. 40, p. 30-47, 2020. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/13262>. Acesso em: 13 jan. 2023.

MALDONADO-TORRES, N. Analítica da Colonialidade e da Decolonialidade: algumas dimensões básicas. *In*: BERNARDINO-COSTA, J. (Org.); MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. São Paulo: Autêntica, 2018. p. 31-61.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, p. 1-18, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 jan. 2023.

MIOTELLO, V. Ideologia. *In*: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 167-176.

REIS, T. (Org.). **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2. ed. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI; GayLatino, 2018. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2023.

SOEIRO, I. Responsividade. *In*: PEREIRA, S. V. M.; RODRIGUES, S. G. C. (Orgs.). **Diálogos em Verbetes: noções e conceitos da teoria dialógica da linguagem**. São Paulo: Pedro & João Editores, 2022. p. 157-160.

SOMBRIO. *In*: FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 645.

SANTOS, B. S. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 78, p. 3-46, 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/753>. Acesso em: 13 jan. 2023.

STELLA, P. R. Palavra. *In*: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 177-190.

UPS. *In*: PRIBERAM Dicionário. c2022. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/ups>. Acesso em: 13 jan. 2023.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Sheilla Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLÓCHINOV, V. Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado (1930). *In*: VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e**

poemas. Tradução de Sheilla Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019a. p. 266-305.

VOLÓCHINOV, V. Estilística do discurso literário III: A palavra e sua função social (1930). *In*: VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução de Sheilla Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019b. p. 306-336.

WALSH, C. Interculturalidad y (de)colonialidad: perspectivas crítica y políticas. **Visão Global**, v, 15, n. 1-2, p. 61-74, 2012.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, T. T. (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.

Submetido em 15/01/2023

Aceito em 24/02/2023